

O casamento

The Wedding

Andréia Delmaschio*

Despertei atordoada com a sensação de que amanhecia numa data especial – e inescapável. Tive dúvidas se deveria encará-la, assumi-la e inaugurá-la logo cedo, pulando da cama e começando a trabalhar em algo, como fazia ordinariamente, ou se preservava a energia, descansando um pouco mais – aquele dia seria longo, longuíssimo, teria de sustentar aparências e tolerar pessoas até muito tarde da noite, quem sabe até o dia seguinte.

Uma fisgada no calcanhar resolveu por mim: ergui-me de um salto, as ideias se enfileirando em busca de um arranjo; medravam palavras em todos os poros, um burburinho vinha lá de fora...

Saí ao pátio de azulejos verdes e olhei por entre azaleias e samambaias – uma casa nova da qual se gosta, rápido se transforma na nossa casa mais antiga.

* Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente titular do Instituto Federal do Espírito Santo, e escritora, autora de *Mortos vivos* (2008), *Aboio de fantasmas* (2014), *Tem uma lua na minha janela* (2015), *Nas águas de Lia* (2018).

Dois homens trabalhavam no fundo, entre o muro e os pés de abacate, estirando a lona branca da imensa tenda. A agitação já durava tantos dias, que parecia um movimento normal. Notei que tinha posto a roupa ao avesso, mas não quis voltar para acertá-la, nem fazia muita diferença.

Um homem e uma mulher entravam e saíam com sacolas e bandejas sem fim, que iam retirando do capô de um carro parado perto da entrada da cozinha. Ao passar, deixavam marcas de tênis que incomodavam a dona Olga. A velha senhora se desgastava visivelmente tentando impor alguma ordem, muito antes do horário esperado para a ordem.

As mesas já estavam armadas, duas longas mesas de madeira, ainda descobertas, bem no centro do terreno. Uma moça fazia testes de som, havia caixas espalhadas em lugares que somente um olhar acostumado aos recantos do jardim poderia notar. O som me pareceu excelente, ao longe ergui o dedo de curtir para ela, que acenou de volta com um sorriso contente, de quem tem tudo sob controle, em breve testaria cada um dos instrumentos enfileirados ao seu lado esquerdo.

Ao aparecer na porta, fui alvo simultâneo de todos os olhares. Alguns deles pareciam me lançar uma pergunta silente. Esforcei-me por falar alto, tranquilizando – ou enganando – a todos de uma só vez. Do limiar, bradei que “- Está tudo certo, tudo indo bem. É cedo ainda. Não percam tempo com detalhes agora. Tudo tem a sua vez”. Olhos fixos em dona Olga, eu falava, é claro, para mim. Da paz dela dependia o meu sossego naquele dia.

No piso superior, a parentela vinda de longe acordava por turnos. Crianças gritavam estrídulas, em torno de coisa nenhuma, dois adolescentes espreguiçavam na varanda. Minha mãe tentava dar algum sentido ao caos de colchões amontoados que, por não ser aquele um dia qualquer, parecia-lhe um caos suportável, e mesmo alegre.

Como um pássaro passa pelo ar, passou pela minha cabeça comer alguma coisa. Das bandejas empilhadas na pia subia um cheiro bom de massa recém-assada, mas tive pena de romper as embalagens caprichadas, em branco e dourado. Abri a geladeira e apanhei uma maçã. Dois freezers apertados num canto exibiam, pelo vidro suado, uma grande quantidade de latas e garrafas, mantidas ali na temperatura ideal para aquele verão valente, em que as pessoas preferiam dormir na varanda, ou mesmo ao relento.

Aproximei-me de dona Olga, perguntei pelo bolo e o vestido.

– Tudo nos conformes, respondeu.

Dispensei pessoalmente, no dia anterior, cabeleireiro e maquiadora. Eu mesma prenderia os cabelos e faria a mais discreta maquiagem possível. Só uma plumazinha de insegurança quanto ao vestido lançou sua sombra sobre meus olhos: temia que, na última hora, me parecesse muito branco, ou muito rendado... enfim, que destoasse da esmerada simplicidade que deu tanto trabalho manter nos limites daquela circunstância especial, sem que parecesse descaso. Qualquer coisa, pensei, retiro-lhe uma cauda, ou o véu. Afinal, o vestido tinha sido feito de acordo com essa orientação, e, a depender do clima e dos meus humores, poderia ser descascado como uma cebola, aproximando-se ao máximo do desejado no momento da cerimônia. Eu jamais seria uma noiva como uma taça virada de milk-shake.

A celebração era o ponto mais delicado, por isso foi pensada e repensada com antecedência, palavra por palavra, ministro escolhido a dedo para permanecer no terreno limpo da ausência de religião, nada de culto ecumênico, sem contudo contrariar os hábitos austeros de mamãe. Tudo calculado para que ela tivesse algo concreto que contar depois do evento; umas expressões luzentes bailariam, impreteríveis, na fronteira entre este mundo e o outro, que, tudo indicava, só

mesmo ela ainda enxergava. A linguagem é nossa amiga, e, bem tratada, jamais nos deixa na mão.

A manhã avançava rápido por entre um e outro preparativos. Mamãe parecia, de fato, imensamente feliz, afinal, de onde menos esperava lhe vinha a filha que se enquadraria perfeitamente nos moldes que traçou um dia... Sua felicidade só competia com a minha, a de poder lhe proporcionar, antes da morte, aquele espetáculo de autorrealização.

Enquanto eu apanhava do chão uma gravata borboleta que alguém perdeu na passagem, uma ideia caiu sobre mim como um raio: o noivo! Por alguma razão, o noivo não tinha sido avisado da cerimônia de casamento. Naquele instante, eu mesma não conseguia distinguir ao certo por quê, se pela duração incomum dos preparativos, se por parecer tão óbvio que nem mesmo lhe precisava ser comunicado, ou se, sei lá, seria ele já casado? Apenas por precaução, chequei mentalmente alguns dados: eu me lembrava com certeza de quem era o noivo, tanto é que, de imediato, apanhei o celular para lhe telefonar o quanto antes, evitando assim o risco de lhe causar um susto muito próximo já do desfecho, quem sabe ele tivesse um outro compromisso marcado para a mesma data.

Apenas por uns segundos hesitei, aparelho na mão, pensando se seria aquela uma boa hora para lhe telefonar... Ao terceiro toque, atendeu, também hesitante. Como num sonho, uma voz de mulher, ao fundo, falava acerca de um copo d'água, parecia querer fazer-se ouvir por quem estava do outro lado, no caso eu, e logo em seguida indagava diretamente quem era, ao telefone.

Mesmo um tanto constrangida, eu não podia simplesmente desligar, precisava anunciar-lhe o nosso casamento. Comecei me desculpando por não ter falado antes, expliquei que não era para ser uma surpresa, mas que os preparativos tinham me envolvido demais e que na última hora acabei me esquecendo, etcétera. Avancei para o fato de a minha família estar toda reunida, falei de

mamãe... Nesse ponto freei, supus que ele se risse, mas não. Também não parecia de todo admirado; pelo tom preocupado, quase cúmplice, dir-se-ia inclusive um tanto engajado na ideia de me auxiliar com aquele grande problema que eu arranjava... Falei dos doces, do vestido e do bolo... Apesar das circunstâncias, senti que estava mesmo tentado a comparecer à sua própria cerimônia de casamento...

– Mas assim, de improviso, tão em cima da hora, não tenho nem a roupa adequada...

Compreendi, claro, não seria justa tanta dissonância... E ainda tinha a mulher ao fundo. A voz, que havia silenciado, voltou a inquirir sobre com quem falava, do que se tratava... Notei que se afastou para me ouvir melhor. Sua voz agora pulsava nítida.

– Que coisa, organizar festa e cerimônia sem avisar ao noivo!

Por fim, lamentou o enorme mal-entendido. Dei-lhe razão e lamentei também. Disse que eu aproveitasse a festa... Lamentei de novo, e apenas da boca para fora. Alguém em mim comemorava, há males que vêm para o bem, escapar às agruras do convívio a dois, a papelada a acertar, e, depois, desacertar, a futura separação que, naquele instante, magicamente, se adiantava em dois anos e me batia à porta... Despedi-me com firmeza, e sem qualquer resíduo de mágoa. Ele susteve um silêncio cheio de significação. Sacudi a cabeça como quem sacode uma toalha e comecei a pensar numa segunda opção. A festa não seria desperdiçada, e, ainda por cima, tinha mamãe...